

## Um Milagre de São Gaspar

[Ocorrido em 1937]

Era domingo, um dia alegre. Os seminaristas esperávamos a representação teatral dos moços da Congregação Mariana, quando estourou a notícia:

- “O Pino (apelido familiar de José Anselmi) está em perigo de vida!”

Todos abandonamos a sala de teatro correndo.

José Anselmi tinha sido operado de uma úlcera supurada no estômago, com resultado insatisfatório. O mal recrudescceu, deixando o paciente sempre mais debilitado e reduzido a pele e ossos. Os colegas, brincando, tentavam dependurar o chapéu nos ossos mais salientes das costas dele.

Nesse dia ele não conseguiu subir a escadaria da Escola Apostólica Santa Cruz, Rio Claro SP, onde morávamos. Caiu de bruços nos primeiros degraus. Levado escada acima, vomitava sangue sem parar: úlcera estourada. Não falava mais. Ao chamado urgente, o médico da casa, Dr. José Marciano, foi pronto a chegar. Constatou que, para impedir a morte, impunha-se já uma transfusão de sangue. Ângelo Dall’Ara, uma fortaleza de saúde, cedeu o sangue. Vimos o médico tentar injetá-lo nas veias do enfermo. Tentativa frustrada: o sangue não corria nas veias já ressequidas e esgotadas. Ordem médica:

- “Levem-no para a Santa Casa numa ambulância, assim deitado na cama, sem mudar a posição. O sangue coagulado no estômago está impedindo que saia o pouco que lhe resta; é por isso que ele ainda está vivo.”

Foi levado com extremo cuidado escadaria abaixo, e a ambulância seguiu na mais lenta marcha possível. Passou a primeira noite. No dia seguinte, cada vez que o telefone tocava no seminário, sobressaltados pensávamos que fosse para a notícia fatal. A poder de injeções chegou ao terceiro dia. Conseguia até dizer umas palavras, mas com voz tão débil que, para se entender, precisava chegar o ouvido rente à sua boca. Nesse 3º dia ele disse:

- “Dêem-me com água a relíquia do Venerável Gaspar.”

Naquele quarto do hospital começou uma troca nervosa de idéias. O médico proibira que lhe dessem sequer um gole de água, que poderia reativar a hemorragia e causar a morte. Telefonaram ao médico, que manteve a proibição.

Novo pedido do paciente:

- “Quero tomar a relíquia do Venerável Gaspar.”

Nervosismo e apreensão. Resolvem insistir com o médico, o qual, agastado, respondeu:

- “Dêem o que quiserem, porque a partir deste momento eu não sou mais o médico dele.”

Por um momento os assistentes se entreolharam sem saber o que fazer. A responsabilidade pesava demais. E se dando a relíquia, ele morrer?! E se ele morrer por não termos dado a relíquia do Vem. Gaspar, no qual ele tanto confia?! Tudo por tudo: vamos dar! Enquanto um estigmatino fez o doente beber numa colher de água a minúscula relíquia de um indumento do Ven. Gaspar, a Irmã enfermeira, de joelhos, rezava fervorosamente ao pé da cama. No mesmo instante, José Anselmi sentou-se sozinho na cama, dizendo:

- “Estou curado!”

Foi um susto num misto de alegria e atordoamento. Não será a “melhora” da morte? Mas José repetiu:

- “Estou curado e tenho fome.”

A Irmã, tremendo, apresentou-lhe chá com algumas bolachas. Ele comeu tudo com gosto, diante dos olhos dos presentes ainda incertos.

- “Quero mais.”

E a segunda remessa também foi devorada como quem tem saúde. Não havia mais dúvida alguma. Era o milagre imediato e completo. Todos se abraçaram rindo e chorando. Telefonaram ao seminário. A notícia fez os alunos esquecerem o silêncio da aula para explodirem num grito de alegria e louvor ao Senhor, que se dignou mostrar a santidade do Ven. Gaspar concedendo, por seu intermédio, uma graça singular.

José Anselmi, por medida de prudência, ficou no hospital em observação mais um dia, até que a chapa radiográfica revelasse um estômago perfeito!

Eu fui um dos que explodiram de alegria naquela hora.

Pe. Mário Zuchetto, css  
Campinas, 7 de Agosto de 2000.



Foto tirada provavelmente no ano de 1939 – Pe. José Anselmi (à direita), com o Sr. Antonio Buschinelli, que era laboratorista da Santa Casa e estava presente no quarto dele quando ocorreu o milagre da cura, em 1937.

José Anselmi, nascido em Verona, em 1914, foi ordenado sacerdote em 1939 e faleceu no dia 15 de março de 1994, em Ribeirão Preto, com quase 80 anos de idade.